RELACAÕ

FUNERAL, LUCTUOSA,
PANEGYRICA, MORAL, E POETICA,
DA MORTE
DO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

CAETANO
CAVALIERI,

ARCEBISPO DE TARSO, NUNCIO
de Sua Santidade neſte Reyno,
Filho dos Marquezes Cavalieri, da Familia Urſini, dos Duques de Senneſio, e dos Principes de Carpineo, e Scaulino, Patricio Romano.

OFFERECIDA
AO S.OR D. PAULO
JERONYMO DE MEDICIS,
Agente neſta Corte de Portugal do Graõ Duque de Toſcana.

PELO SEU AUTHOR
O P. ANTONIO DE S. JERONYMO
JUSTINIANÕ,
Capellaõ do Coro da Igreja de Noſſa Senhora do Loreto
da Naçaõ Italiana.

LISBOA OCCIDENTAL:
Na Nova Officina ALMEIDIANA,
M. DCC. XXXVIII.
Com todas as licenças neceſſarias.
Vende-ſe na meſma Officina aos Sete Cotovelos, junto a S. Mamede.

Luctuoſa, Panegyrica, Moral, e Poetica, da Morte do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Caetano Cavalieri, Arcebiſpo de Tarſo, Nuncio de Sua Santidade neſte Reyno, &c. porque ſey, que Voſſa Senhoria na benignidade do ſeu generoſo animo, eſmaltado de eſclarecido Sangue, naõ ſabe regeitar victimas de hum amante Sacrificio, que nunca offenderaõ os mayores reſpeitos; antes me perſuado (e hé ſem controverſia crivel) que quem nas ſuas Aras as conſagra, mais reſpeitos ao ſeu pondonor reconcilia; e quando offenderaõ as Victimas, e os Sacrificios? E ſe eſtes naõ offendem, quem pòde deſtes, e daquelles aggravarſe? Neſte papel, ainda que luctuoſo, tambem as victimas ſe veneraõ, q̃ já em Epicedios laſtimoſos, houve quem fazia culto do ſeu rendimento. Aſſim ſe immortalizava amante ainda em os inanimados da ſua veneraçaõ objectos, e mais immortal ſerà o meu Culto, ainda trajando lutos, ſe o offereço a minha veneraçaõ ao mais animado aſſombro, como hè Voſſa Senhoria do mais alto reſpeito.

Naõ hè eſta a primeira vez, que agra-

dave

davel a fortuna me patrocinou com o elevado de ſuas prendas (digo agradavel) porque ſempre Voſſa Senhoria , com agrado correſpondeo à fortuna , com que o buſco ; mas quem tanto na grandeza ſe exalta , que muito , que exalte tanto a minha fortuna?

Fora eu ingrato , quando naõ reconheceſſe taõ generoſos beneficios , que das prodigas Mãos de Voſſa Senhoria , recebi ſem merecimentos ; mas aonde ſe haõ de achar as grandezas , ſenaõ em quem naſceo grandioſo , podendo ſó acclamarſe por magnanimo , e por Paulo de Medicis ſer do Magno Alexandre invejado , por ſer do Magno o aſſombro.

Naõ ſó na grandeza , como por ſer hum excelſo Ramo da ſoberana Caſa do Graõ Duque de Toſcana , a quem deve a Real Caſa de França duas Rainhas , Catherina de Medicis , Mãy de Franciſco Segundo , Carlos Nono , e Enrique Terceiro ; e Maria de Medicis , mulher de Enrique Quarto , de quem deſcendem os Reys daquella Auguſta Monarchia ; e atèqui excelſa a grandeza , que

che-

chega a elevarſe ao Regio de tantas Coroas!

E aſſim, como poſſo eu deixar de buſcar ſegunda vez ſem receyo eſſe de Neptuno cryſtalino pelago, ſe na primeira vez, que o ſurquey, não tive perigo; nem de ſubir o altivo deſſe Olympo, ſem medo, ſe a elle já ſubi ſem deſpenhos de confiado? E finalmente de elevarme às esferas do Sol, ſem temer ſeus rayos, ſe a elles já me elevey ſem exprimentar precipicios de Icaro? E tirada a illaçaõ de argumento taõ infallivel, digo:

Que recear já naõ devo (ſegunda vez) das claras enchentes do Mar da grandeza de Voſſa Senhoria, algum naufragio, ſe já della me vî enriquecido; e deſſe Olympo da ſua Soberania, a Montes as grandezas; e do Sol eſclarecido da ſua nobreza, os mais luzidos favores.

Em fim, nada temo, nem a Cenſura do Sacrificio por pequeno, porque grande o fará o aſſumpto, a dor grande, e a grande, e ſublime Eſfera de Voſſa Senhoria, tendo em ſî luzes taõ agigantadas, que me livra-

livraràõ de toda a Critica ; e quem hade offender taõ altas Luzes , aonde ſó chegaõ venerados Cultos por victimas do ſeu reſpeito? A Peſſoa de Voſſa Senhoria guarde Deos muitos annos.

DE VOSSA SENHORIA

O mayor Venerador, e menor Capellaõ.

O P. *Antonio de S. Jeronymo Juſtiniano.*

AO

AO LEITOR.

MEU (Curioſo, e Diſereto Leitor) o tempo hè de Funeraes; e aſſim, ſe quizeres, aceita eſte, quando naõ paciencia, que *Violentar el albedrio no es obra de ningun Dios*, diz o Eſpanhol; tudo quero por bem, que por bem, todo o bem ſe faz, e tudo bem ſe obra.

Se naõ achares bem temperada a Lira, nem as vozes deſte Funeral Canto, em Relaçaõ manifeſtado, não me culpes, que a dor com que as formava, fez deſtemperar toda a armonia da Muſica; porque haſde ſaber, que cantar com dor, ainda que ſeja ſonoro o Canto na melodia, lá tem ſeus deſtemperos nas vozes, que com o pranto mezcladas, não me parece, que fazem boa conſonancia, que cantar ſentido, e cantar chorando, nun-

ca faz ſuave armonia aos ouvidos, ſim a poderá fazer a hum peito laſtimoſo.

Em fim, ou boa, ou má, tu a farás mais armonica na tua ſuave, e ſonora aceitaçaõ, e te offerecerey cedo (quando me faças eſta mercè) naõ Relaçaõ taõ breve, e magoada, mas ſim hum volume de varias obras Poeticas.

Vale.

LI-

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

O Padre Meſtre Fr. Manoel Coelho, Qualificador do Santo Offieio, veja o Papel intitulado: *Relaçaõ Funeral*; e informe com ſeu pareeer. Lisboa Occidental 14. de Novembro de 1738.

Fr. R. Alencaſtre. *Teixeira.* *Cabedo.*

Soares. *Abreu.*

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Manoel Coelho, Religioſo da Sagrada Ordem dos Prègadores, Qualificador do Supremo Tribunal do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI o Papel intitulado: *Relaçaõ Funeral*, de que a Petiçaõ trata; e em tudo me pareee eonforme à noſſa Santa

Fè Catholica, e bons coſtumes; e aſſim merecedor da licença que ſe pede. Voſſa Eminencia mandarà o que for ſervido. S. Domingos de Lisboa 16. de Novembro de 1738.

Fr. Manoel Coelho.

VIſta a informaçaõ, pode-ſe imprimir a Relaçaõ; e depois de impreſſa tornarà para ſe conferir, e dar licença que corra, ſem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 18. de Novembro de 1738.

Fr. R. Alancaſtre. *Teixeyra.* *Cabedo.*

Soares. *Abreu.*

DO ORDINARIO.

O Reverendiſſimo P. M. Fr. Antonio de Santa Maria, veja a obra, que ſe apreſenta, e informe com o ſeu parecer. Lisboa Occidental 29. de Novembro de 1738.

Gouvea.

Cen-

Cenſura do M. R. P. M. Fr. Antonio de Santa MARIA, Lente de Theologia, Conſultor do Santo Officio, e Examinador das Trez Ordens Militares, e do Priorado do Crato, &c.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

NAõ achey no Papel, de que eſta Petiçaõ trata, e Voſſa Senhoria me manda ver, couſa alguma contra noſſa Santa Fé, e bons coſtumes: Voſſa Senhoria mandarà o que for ſervido. Liſboa Occidental 1. de Dezembro, Convento da Boa Hora dos Agoſtinhos Deſcalços, de 1738.

Fr. Antonio de Santa MARIA.

VIſta a informaçaõ, pòdeſe imprimir a obra, de que ſe trata, e depois de impreſſa tornarà para ſe conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 1. de Dezembro de 1738.

Gouvea.

DO

DO PAÇO.

O P. D. Jozè Barboſa, da Divina Providencia, veja o Papel, de que ſe trata, e interpondo ſeu parecer o remetta a eſta Meſa. Lisboa Occidental 2. de Dezembro de 1738.

Pereira. *Teixeyra.*

Approvaçaõ do M. R. P. D. Jozè Barboſa, Clerigo Regular da Divina Providencia, Academico da Real Academia, &c.

SENHOR

A Cadencia Poetica do P. Antonio de S. Jeronymo Juſtiniano he taõ conhecida neſta Corte, que naõ neceſſita, de que eu a dé a conhecer; porque nos grandes caſos, que nella ſuccederaõ, nunca ſe deſcuidou de poeticamente os ſentir, como o fez na morte da Sereniſſima Senhora Infante Dona Franciſca; e na

de

de Diogo de Mendoça Corte Real, Secretario do Eſtado. Já corria hum Soneto deſte Autor ao Provedor da Igreja de Noſſa Senhora do Loreto, na occaſiaõ, em que naquella Igreja ſe depoſitou o Corpo do Nuncio Caetano Cavalieri, e que outra vez deſeja imprimir; mas parecendo-lhe, que naõ ſatisfazia com taõ breve demonſtraçaõ à fecundidade poetica, de que hè dotado, tomou por empreza deſcrever dilatadamente a morte deſte Prelado, e as circunſtancias do ſeu enterro. Deu a eſte Romance o elevado titulo de Sublime; pelo pouco que ſe parece com outras compoſiçoens deſte genero. Nelle ſe vê com evidencia o que a meſma Arte enſina, quando manda, que algumas vezes deſcaya o verſo como repreſentando neſta, ou fraqueza, ou debilidade, a peſada dor, com que ſe eſcreve, porque nunca póde ſer muito o ſentimento, que attende ao polido das palavras, e naõ pòde ſentir como deve; quem eſtá cuidando na delicadeſa das expreſſoens, para declarar ao meſmo tempo que lhe naufraga o coraçaõ em ondas

de

dè magoa, como o Autor muitas vezes repete neſte meſmo Romance. A nenhuma circunſtancia daquelle laſtimoſo ſucceſſo faltou a obſervaçaõ do Autor, porque parece, que quando aſſiſtio a elle, já eſtava meditando cantar huma acçaõ mais digna dè lagrymas, que de conceitos. Com razaõ chamà a eſte Romance tambem Moral pelos documentos, com que prova a inconſtancia da noſſa vidà, que como luz arrebatadamente deſaparece, quando a cegueira da eſperança lhe promette mayor duraçaõ. Brevemente dará ao publico o meſmo Autor hum grande Volume de varios Metros, em que ſe leràõ muitas Glòſſas, para as quaes tem eſpecial felicidade, porque de tal modo as diſpoem deſde o principio, que parece, que ſe naõ podia dizer de outra ſorte. Taõ naturalmente as acaba! Parece-me, que ſe lhe póde dar a liccnça, que pede, para imprimir eſte Romance, para que vejaõ todos o que deſcobrio eſte Engenho em materia taõ eſteril, e ſeca, como he a morte. Voſſa Mageſta-

de

de ordenará o que for servido. Lisboa Occidental, nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 4. de Dezembro de 1738.

D. Jozè Barbosa, Cl. Reg.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, que sem isto naõ correrá. Lisboa Occidental 5. de Dezembro de 1738.

Pereira. Teixeyra. Vaz de Carvalho. Coelho. Costa.

LICENCAS.

§

ESTá conformc com o ſcu Original. S. Domingos 7. de Janeiro de 1739.

Fr. Manoel Coelho.

DO SANTO OFFICIO.

VIſto eſtar confórme com o Original, pòdc correr. Lisboa Occidental 8. dc Janeiro dc 1739.

Fr. R. Alancaſtre. Teixeyra. Cabedo. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

VIſto eſtar confórme com o Original, póde correr. Lisboa Occidental 9. de Janeiro de 1739.

Gouvea.

DO PAÇO.

QUc poſſa correr. Lisboa Occidental 10. de Janeiro dc 1739.

Pereira. Teixeyra.

IN

IN LAUDEM SAPIENTISSIMI

Auctoris P. Antonii à S. Hieronymo Juſtiniano, quondam in Congregatione S. Joannis Evangeliſtæ Canonici Sæcularis, nunc autem in Sacro Templo Lauretano Collegæ Clariſſimi.

EPIGRAMMA.

SOl, poſtquàm illuſtrat radiante lumine terras,
Occidit, & tumulo conditur ille maris.
Ut Sol, in toto micuit Cavalerius Orbe,
Et juxta occiduas nunc requieſcit aquas.
Solis ut vivens, moriens ſic æmulus extat:
Sole hic vigente, viget, Sole cadente, cadit.
Cùm pelago mergens ſe Sol, ſua lumina clauſit,
Lumina tunc moriens condidit ille ſua.
Sed quis luminibus fixis tot lumina vidit,
Nec ſubitò cæcus redditus ille fuit?
More videns aquilæ tantos Antonius ignes,
Sublimi doctus Carmine pinxit eos.
Alterius ſoboles Aquilæ præclara Joannis
Noluit hic tanti degener eſſe Patris.

Canebat
P. Laurentius Pintus.

NA SENTIDISSIMA, E DEPLORADA
MORTE
DO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR
CAETANO CAVALIERI,
Nuncio Apostolico de Sua Santidade nos Reynos de Portugal.

DE CAVALIERI Excelso illustres glorias
A ruina confundem na grandeza,
Vida, que respirou sempre nobreza,
Nunca o pó se lhe pega nas memorias.

Já muito antes vivia nas Historias
Idèada a PESSOA á mòr Alteza,
Chegou muito fidalga á natureza,
Para crer as venturas transitorias.

Vive nos coraçoens; quando a impiedade
Desse curvo flagello emprega o danno,
Que a morte pode menos, que a amizade:

Desta morte só seja o Amor tyranno
O instrumento, por dàr à immunidade,
Ao seu nobre respeito, hum desenganno.

Do Doutor Braz Jozè Rebello Leite.

AO

AO TUMULO.

EPIGRAMMA.

SO' hum famoſo Peito compaſſivo
Pòde bem erigir, com tal grandeza,
A hum PRELADO, que o foy da redondeza
Do Mundo, hum Mauſolêo ſuperlativo:

Ainda que occulto, Auguſto pelo altivo
Eſplendor hade ſer, e a mòr alteza
Subirà às eſferas, alta empreza,
A collocarſe nellás, ſempre vivo.

Calle a morte o eſtrago irreverente,
Com que a taõ grande LUZ falto o reſpeito,
Eclypſar quiz os RAYOS imprudente:

Mas ainda occulta aſſim para o conceito,
Reverbera a LUZ mais neſſe eminente
SEPULCRO, ſempre Auguſto, heroico effeito.

Do meſmo Autor.

AO

AO AUTOR.

DECIMAS.

APollo, eom ſabio intento,
Vos fez da dor, que revella,
Padre Meſtre da Capella,
Aonde a armonia hè lamento:
Porque em ſuave memento,
Por vòs ſendo encommendado
Herôe taõ famigerado,
Tomaſſe acordo hum ſentido,
Suſpenſo o pranto no ouvido,
Quaſido chora a pena o agrado.

Hè produeçaõ, eomo voſſa,
Eſta cadente agonia,
No bem, que canta, a alivia,
No que ſente, ao pranto engroſſa:
O Nuncio volatil poſſa
Gratifiearvos o augmento,
Pois eontando lingoas eento,
Para elogios muy largos,
Se a chorar o fazeis Argos,
He mais, que a fama o tormento.

Tal

Tal memoria he Sacrificio
De huma fé, no amor mais pura,
Por quanto na ſepultura
Entra o diſcurſo ſem vicio:
Bem, que lugubre he propicio,
Quando inferior ao das Aras,
Eſte voto a acçoens preclaras,
Pois em funebres diſvellos,
Deſenganaõ-ſe os Capellos,
E confundem-ſe as Tiaras.

Cruel o monſtro ſe oſtenta,
Porque fraco, mais temido,
Menos valor, que ruido
Moſtra a trayçaõ, que alimenta:
Se abater ao Herôe intenta,
Nunca o vence, quando o acclama,
Illuſtra a Fouce, mas clama
O echo attençoens diſcretas,
Que da Fouce amor faz ſettas,
Bocas abre o golpe à Fama.

Do Doutor Braz Jozè Rebello Leite.

RELA-

RELAÇÃO

FUNERAL, LUCTUOSA,

PANEGYRICA, MORAL, E POETICA,

DA MORTE

DO EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR

CAETANO CAVALIERI,

ARCEBISPO DE TARSO,
Nuncio Apoſtolico de Sua Santidade
neſtes Reynos de Portugal, &c.

ROMANCE SUBLIME.

Allegoria. A 10. de Outubro, em que falleceo o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Nuncio, foy o occaſo do Sol às 5 horas, e o penultimo crepuſculo às 6, e a eſta hora expirou no ſeu Palacio, a Santa Catherina, Cidade do Occidente, para onde o Sol eſtava acabando o ſeu giro.

AO expirar do Sol, expira
Huma luz, que à ſua iguala,
E eu não ſey ſe hè a meſma luz,
Eſta luz do Sol, por clara.

Clara luz, hè evidente,
Que hè clara luz, ſem jactancia,
Pois as Luzes dos URSINOS
Tem com as do Sol ſemelhança.

A Parece,

Parece, que já declaro
Deſta luz a ALTA PROSAPIA,
Pois naſcendo do Sol toda,
Do Sol hade ſer luz rara.

LUZ CLARISSIMA, e ILLUSTRE,
Que ao Solio do Sol exalta,
Fazendo ao Solio mais Regio,
LUZ tão Regia, e Soberana.

Eſta LUZ, pois, clara, e excelſa,
Quando a do Sol expirava,
Expirou: Fatal aſſombro!
Acabou: Rara deſgraça!

Parece ſoy maravilha,
Vendo o Sol deſgraça tanta,
Querer occultar as Luzes,
Pois eſta LUZ ſe occultava.

E ſe LUZ era do Sol,
Ao Sol falte a luz, e a gala,
Pois que á tanta gala illuſtre
Deſpoja da gala a PARCA.

Galla

Gala em purpura veſtia,
E com grandeza tão ALTA,
Que já chegava à EMINENCIA
Mais ſublime, e mais de graça.

ROMA o diga, pois já eſta
Por inſtantes lhe chegava,
A fazer de huma EMINENCIA,
A ſua EXCELLENCIA a data.

Tudo merecia o aſſombro
Deſta Luz agigantada,
Naõ ſó pella graça ſua,
Como pelas que já dava.

Eu creyo, que eſtas já tinha
Eſta grande LUZ preclara,
Pois quem as graças concede,
Para ſi graças alcança.

E aſſim ſe crê piamente,
Que eſtas tinha, quando errada
A MORTE, em deſmayos poſtra
A eſta LUZ, já deſmayada.

Deſmaya, e a luz Febêa
Ao meſmo tempo deſmaya:
Que muito, ſe no Occidente,
Huma, e outra LUZ eſtava?

Pois padeça aſſim deliquios,
Quem o Oriente não gozava,
E ſe eſtava no Occidente,
Trajé por gala a mortalha.

Mas ainda aſſim me pareee,
Com gala tão deshumana,
Que hade brilhar, como o Sol
Brilha entre ſombras opacas.

Com exercitos de luzes,
Aſſim vence, e aſſim campa
Do Sol a meſma luz toda,
Da Nuvem a ſombra tyranna.

Aſſim brilha muitas vezes,
Pois quanto mais arrojada
Huma Nuvem, a offende obſcura,
Rompe a Nuvem, e brilha clara.

Tû aſſim em eſſa URNA,
LUZ onde eſtàs ſepultada,
Pareee, que eſtàs brilhando,
Que URNAS já tiveraõ chammas.

As Veſtaês nas Urnas cõſervavaõ ſempre o fogo, que chamavaõ ſempre eterno.

Cicero: *Virgines quæ Veſtales in Urbe cuſtodiunt igni loci publici ſempiternum.*

E ſe em chammas lá revivem
As Fenix, Fenix te acclamã,
Que hè bem, que huma luz a FENIX
Paſſe a ſer FENIX mais rara.

Ainda, que horroroſa a URNA
Eſteja por enlutada,
Tambem dá ao luto luzes,
Quando a luz no luto ſe acha.

Em fim, deſta LUZ vejamos
O ſucceſſo, e a deſgraça,
Que tambem ſuccedem às luzes,
Por mais que ſejaõ exaltadas.

Deſgraças ſaõ os Eclypſes,
E eſta LUZ por eclypſada,
Foy deſgraça, que em tal LUZ
Verſe a LUZ com huma tal mancha.

Naõ,

Naõ que manchaſſe o illuſtre
Eſplendor, com que brilhava,
Mas ſim lá manchou o alento,
E o alento ecclypſou, que dava.

E hè muito comum no mundo
(A eſta penſaõ taõ tyranna)
Sugeitarem-ſe aos Eclypſes
As luzes mais ſoberanas.

Atè já a dos Aſtros bellos
Eſtes padeeem nas altas
Herarquias, onde habitaõ,
Ainda dando alento às plantas!

Claudiano. *Omnia Mors æquat: : Mors Sceptra ligonibus æquat.*

E aſſim à vida os alentos
Tira aſſim a eruel PARCA?
Que muito, ſe tudo poſtra,
Reduzindo o tudo à nada!

As Armas do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Nuncio, ſe ornavaõ cõ as de Malta, e com huma Roſa no meyo.

Entre os TYMBRES mais illuſtres
Das ſuas pre-excelſas ARMAS,
Tambem muito admira, que
A MORTE vença as de MALTA.

ARMAS,

ARMAS, TYMBRES taõ excelſos,
Que veneem em toda a Campanha,
Aſſim os poſtra, a cruel MORTE,
Aſſim os rende, a Parca ingrata?

Malta, a quem o forte ESCUDO,
Tudo rende a ſuas plantas,
Aſſim o poſtra, e o venee
A MORTE, cruel, tyranna?

Sim, que nada ſe lhe izenta
Da ſua mais forte ESPADA,
Que eſſes ESCUDOS altivos,
Que hè FOUCE, que os corta, e ultraja.

A tudo iguala, e ſugeita,
Atè Mitras, Sceptros, Tiaras,
Pois ſugeite-ſe à violencia
(De CAETANO) à MITRA em Ara.

Sacrifique-lhe os alentos,
E veja, que nelles acha,
Com o deſcanſo na GLORIA,
Toda a BEMAVENTURANÇA.

Já

Já aos ſeus imperios ſe rende
A DEZ DE OUTUBRO, e ſe alcança,
Que, como gala não tinha
Eſte MEZ, lhe corta a gala.

Por iſſo rompe atrevido
A' LUZ, que huma ROSA a eſmalta,
A PURPURA à meſma ROSA,
A' LUZ, a luz, que já traja.

Vangloriozo já preſume
De ABRIL ſer em a Campanha
Das Flores, que muito o ſeja,
Se com PURPURA, e LUZ campa?

A 10. de Outubro foy dia de S. Franciſco de Borja, da Sagrada Companhia de JESUS.

Era de FRANCISCO o DIA
De BORJA, e foy couſa rara,
Vêr CAETANO de Arcebiſpo,
De SOLDADO aſſentar Praça.

Sim, q̃o BORJA, SANTO, e JUSTO,
A CAETANO, aſſim o manda,
Pois na ſua Companhia
PRAÇAS muitas eſtaõ vagas.

De

De VAROENS muito ILLUSTRES
Em SANGUE, e VIRTUDES altas,
Que illuſtraraõ ao mundo todo,
Já co' o exemplo, e co' as palavras.

Em eſte DIA ditoſo
(Que ditoſo ſe proclama
Pelas cauſas referidas,
(Circunſtancias ponderadas.)

A huma VARANDA ſe chega
(Ou JARDIM) e alli exala,
Bem, como FLOR os alentos,
Que a FLOR os exala em ambar.

A's horas referidas, antes pouco tempo chegou aonde eſtava o Jardim do Palacio, e dando-lhe o accidente, peſſoa familiar de caſa lhe ouvio dizer o Santiſſimo Nome de JESUS.

De JESUS repete o NOME,
(Suave FLOR, e engraçada)
E com eſta FLOR na boca
Expira ſuave a ALMA.

Cahio logo deſmayado,
E já hum accidente o mata;
Se do JARDIM eſtava perto,
Já como a FLOR nelle acaba.

Eccleſiæ.
Jeſu dulcis memoria.
JESUS; id eſt, Flos Campi.

Oh, como na tarde as flores,
E as luzes perdem a gala!
E o que era gala luzida,
Nas flores, luzes, ſe ultraja.

FLOR, e LUZ era radiante,
LUZ, e FLOR (rara eſquivança!)
Da ſorte hè, que a Flor, e luz,
Luz, e flor, naõ ſeja nada.

A nada já reduzida,
Se vay vendo eſta LUZ rara,
Mas ainda brilha entre as ſombras,
Como a Fenix entre as chammas.

FLOR tambem que a flor gigante,
Ainda quando deſmayada,
Naõ perde de todo o alento,
Na obſcura noite tyranna.

Sahe o Sol, e a flor ſeguindo
Do Sol a flammante eſquadra
De eſplendores, já ſe alenta,
Do deſalento em que eſtava.

Aſſim

Aſſim julgo eu ao ILLUSTRE
CAETANO, em ſuas ancias,
Diſte JESUS? Pois JESUS
SOL hè ſó, que o animava.

Aos ſentidos echos chega
(Nobremente laſtimada)
A FAMILIA toda, e fica
Toda, ſem dizer palavra.

Muitas diriaõ, mas como
As diriaõ perturbadas?
E quando a voz titubea,
A eloquencia toda pàra.

Eſte affecto da ternura
Hè do amor tal circunſtancia,
Que hè mais ſentido, callando,
Do que aquelle, que mais falla.

Ainda mais do amor penoſo,
A eſte, e aos mais ſe aventaja,
Pois no ſilencio, que moſtra,
A pena mais o maltrata.

Quem a ſua pena explica
Na voz, que a pena declara,
Naõ deve muito à ternura,
Pois a explica, e naõ a calla.

Quem não a explica; mais morre
Entre a pena, e entre a magoa,
Já mais permittindo às vozes
Os ſentimentos de huma alma.

Chorem os olhos, não digaõ
O que explicar naõ ſe trata,
Pois ſó com lagrymas triſtes
Penas taes ſaõ explicadas.

Aſſim a FAMILIA ILLUSTRE
De CAETANO, vendo tanta
Grandeza, ſem voz, nem alento,
Se explica aſſim magoada.

Toda chora, e ſe perturba,
Chora toda, e toda paſma,
Pois vem num inſtante breve,
Como a vida em breve paſſa.

Luzida

Luzida era, e por luzida,
Eu mais creyo nellas ſe acha,
Viver, como a flor, e a luz,
Pois, luz, flor, em breve acaba.

Atè chegaõ os echos triſtes,
A ſe ouvirem em a mais alta
EMINENCIA, e ella deſee
Veloz, que amor nunca pàra.

Foy taõ pia eſta viſita,
Taõ ILLUSTRE, e SUBLIMADA,
Que CAETANO nella goza
Toda abſolviçaõ do PAPA.

O Eminentiſſimo Senhor Cardeal Patriarcha, que ſabendo do accidente do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Nuncio, veyo logo ao ſeu Palacio, dando-lhe a abſolviçaõ Pontificia, e o ungio, e lhe expirou nos braços.

Que ſeria vendo AO NUNCIO
EXCELSO, ſem voz, ſem falla,
A EMINENCIA de hum PRELADO
CARDIAL, e PATRIARCHA!

Aqui toda a pena dura
Calle, e ſó poderà narralla,
A pena ſó de hum HOMERO,
A pluma ſó de PETRARCA.

Nem

Nem eſtes HEROES SUBLIMES,
Podem pena taõ eſtranha,
Pois excede a eſfera toda,
Já da comprehenſaõ humana.

Só falle aqui o ſilencio,
Neſta empreza, que por ardua,
A mudez ſó bem a explica,
Pois hè a mudez voz da magoa.

Ardua, pois, que naõ ſe explica,
Grande, pois, que naõ a alcança
O mais raro entendimento,
Nem a eloquencia mais rara.

Oh, lance mais prodigioſo,
Que vio Portugal, e a Italia,
Vendo a hũ CARDIAL UNGINDO
A hum NUNCIO, quando expirava!

Annuncio foy venturoſo
Em HORA, que hè taõ amarga,
Dando-lhe GRAC,A, e augmento
Na UNC,AM, que augmenta a graça.

Em

Em ſeus BRAC,OS, q̃ ATHALANTES
Saõ de taõ ILLUSTRE CARGA,
Acaba a LUZ de CAETANO,
Expira eſta LUZ PRECLARA.

Tudo hè paſmo, tudo he pena,
Clamor tudo, tudo ancia,
Ancia, clamor, pena tudo,
Paſmo no PALACIO ſe acha.

DOMINGO DOZE de Outubro,
Na Sala aonde habitava,
ANTE-CAMARA muy rica
(SE EXPOZ) nobremente ornada.

Entre a riqueza, e as luzes
Tanto a viſta ſe elevava,
Que tudo a perder de viſta,
Em huma, e outra couſa eſtava.

Das luzes em a riqueza
Dava o reflexo, e a pauſas
Da riqueza hia vibrando
Nas luzes a meſma chamma.

Equivo-

Equivocavaõ-ſe os olhos,
E a viſta ſe equivocava,
Entre o flammante das luzes,
Se a riqueza, mais brilhava.

Tudo ſe oſtentava rieo,
E nas luzes ſe admirava,
Que ardiaõ, como no peito
Os ſuſpiros, entre as aneias.

Tudo eſtava com tal ordem,
Primor, e tal conſonancia,
Que atè no canto as vozes
Sentidas, ehegavaõ à oitava.

Aqui eſtava EXPOSTO O CORPO
DO ILLUSTRE NUNCIO, e em alta
Pompa, aos olhos ſe vio, quando
O coraçaõ palpitava.

Sim, que hum coraçaõ naõ deixa
De aſſuſtar-ſe, quando a cauſa
Da ſua pena, aos meſmos olhos
Viſtos, vê quem lha cauſava.

Nobre

Nobre eſtava, e eſtava rica,
Ainda que ſentida eſtava,
Que huma pena nunca deixa
De ſer pena, entre as gálas.

Toda a FIDALGUIA ILLUSTRE
Jà da CORTE, em eſta SALA,
O vay ver piedoſamente,
Que com amor toda o tratava.

Entraõ as FAMILIAS TODAS
DAS RELIGIOENS SAGRADAS,
E cantando a vozes triſtes,
RESPONSOS cantaõ a PAUSAS.

PAUSA naõ poêm aõ que ſentem
DE CAETANO a grande falta,
Pois na URBANIDADE ſua
Muito a todos amparava.

Era benigno, e modeſto,
E huma rara circunſtancia,
Hè bem, que agora a publique,
Pois ſó na modeſtia ſe acha.

Quando embalſemaraõ o CORPO
DE CAETANO (oh prenda rara!)
Affirmàraõ os que o fizeraõ,
Que era CASTO, e CASTO eſtava.

Virtude, q̃ a hum HEROE SUBLIME
Mais o ſublima, e o exalta
A's eſferas da grandeza
Do Sol, às eſferas altas.

Entre já o CLERO ILLUSTRE
A encommendar todo a ſua Alma,
E no ſeu Canto parece,
Que ao Ceo ſobe, e LA' deſcança.

Tudo no PALACIO brilha,
Ainda as triſtes conſonancias,
Que hum triſte Canto, e luctuoſo
Brilha quando bem ſe canta.

Agora eu aparàra a penna,
Se eu bem pudera aparalla,
Para dizer, quem no fim
Foy a ennobreeer a SALA.

A elo-

A eloquencia seja muda,
Pois só ella bem declara,
Entre os prodigios, que ignora,
Os assombros, que naõ alcança.

Entra, em fim, a NAÇAM sublime;
E na SALA para, e para
Já na suspensaõ da vista,
A Naçaõ toda Italiana.

Entraõ com ordem, e grandeza,
Já augmentando as luzes claras,
Que ao illuminado Palacio
Formavaõ ETNAS as chammas.

Em copia altiva se augmenta
Toda a copia soberana.
De luzes, na SALA Illustre,
Por illustre illuminada.

Esquadroens de luzes formaõ,
Na que cada hum levava
Tocha ardente, e de suspiros
Cada hum esquadroens formava.

E
Eſperaõ, que ſaya a ILLUSTRE
FAMILIA DOMINICANA,
Que a ultima foy, que veyo
Expreſſar ſua pena, e magoa.

Entraõ, pois, na SALA NOBRE,
Aonde o CORPO altivo eſtava
Expoſto, com pompa illuſtre,
Com primor toda adornada.

Com os PADRES entraõ todos
Do Coro da LAURETANA
IGREJA, rompendo a vozes
O ar todo em conſonancias.

Armonicamente grave
Cada hum, mais ſe eſmerava
No grave da melodia,
Que em tal Canto, o grave encanta.

Suſpendem ao ar as vozes,
Ou o ar ſuſpiros dava
A's meſmas vozes ſentidas,
Por ſer ſuſpenſaõ a cauſa.

Ar tudo era, e ar tudo,
Dando ar às meſmas Auras,
Que ſormando as vozes hiaõ,
Cantando ſentidas magoas.

Ao CORPO deſce do altivo
Lugar a NAC,AM bizarra,
Com Ceremonias piedoſas,
Que a todos mais os exalta.

Os mais Nobres, mais Illuſtres,
Determina Amor, que os manda,
Que já no FERETRO o ponhaõ,
Pois de caminho já ſe acha.

De caminho hia veſtido, como quem hia de jornada, levou chapeo no Coche atè a Igreja, aonde eſtà depoſitado, e chegando a ella lhe poz o Reverendo P. Meſtre das Ceremonias Barrete, e na Segunda feira eſteve de Pontifical com Mitra.

Jornada ſez para ſempre
Lá para a CELESTE PATRIA,
Onde terá já deſcanço,
Deſcanſando da JORNADA.

Athalantes da Nobreza,
Saõ da NOBRE, e ILLUSTRE Carga,
E hé bem, que ITALIANOS Nobres
Levem a NOBREZA da Italia.

Tranſ-

Tranſporta-ſe para o Coche,
Que já todo ſe prepara,
E a ſer CARROÇA DO SOL,
Toda a CARROÇA já campa.

Sem luz, mas ſempre SOL hè
Da NOBREZA, e URSINA CAS ,
Aonde as luzes não ſe celypſaõ;
Como a ſombra ao SOL não manc ...

Muita NOBREZA DA CORTE
Aqui o acompanha: rara
Foy eſta aeçaõ da NOBREZA,
Já digna de immortal FAMA.

Aqui já o PORTUGUEZ POVO
Era em copia a ver, e aneia,
Já moſtrando, no diſvello,
Ser grande o amor com que o amava.

Seguiaõ o AUGUSTO AFFECTO,
Com que o ſeu REY, e MONARCA,
A CAETANO amava muito,
Pelo ſeu bom genio, e graça.

Com

Cõ muitas TOCHAS FLAMMANTES
Se acompanha o CORPO em ALAS,
E obrigada do reſpeito,
Com luz a noite o acompanha.

Serena eſtava; e luſtroſa,
E as Eſtrellas com luz clara,
Por moſtrarem claramente,
Que em tal ALA hiaõ de GUARDA.

Ao meſmo tempo nos BRONZES
Se publica, e ſe declara
Nelles os SINAES dá MORTE
De CAETANO em vozes altas.

Altas foraõ, e nos ſeus ecchos
TRES DIAS, nelles ſe alcança,
Que foraõ dados nos BRONZES
Por SINAES, que os magoava.

SINAES eraõ bem ſentidos,
Por SINAES ſerem da magoa,
E eſta em muitos já ſe via
Nos SINAES muitos na CARA.

Oh,

Oh, como os SINAES ſentidos
Saõ os da MORTE tyranna!
E ſendo fea, não ſey
Como com eſtes Sinaes mata?

Tudo eraõ confuſas vozes,
Entre muitas magoadas,
Já as que ſoavaõ nos BRONZES,
Já as que o PRANTO ſuava.

Segue à CARROÇA ILLUSTRE
De CAETANO, outra levada,
Naõ ſey ſe da agoa dos olhos
Da FAMILIA, em mares de agoa.

Seria, que o pranto pode
Nas correntes, com que falla,
Prender com o peſar, que leva
O peſar, que muito arraſtra.

Pàra o COCHE, e o POVO immenſo,
Em a Igreja Lauretana
Se prepara para ver
Quem morto vem da JORNADA.

Todo

Todo o julga, e diz ſentido
Em vozes mal pronunciadas,
Que huma JORNADA de ROMA
A PORTUGAL muito mata.

Já do Coche o tiraõ os NOBRES
ITALIANOS, e não pàra
Nelles o affecto piedoſo,
Ainda que o COCHE PARAVA.

Pàre o COCHE, pois, que chega
Aonde o OCCASO do SOL ſe acha,
E parado no que deixa,
Na ſuſpenſaõ faz parada.

Por ſer OCCASO das luzes
Sempre hè da admiraçaõ cauſa,
Ainda que a luz mais excelſa
No OCCASO ſempre deſmaya.

Já Portugal ſe glorie
De ter em ſi a mais rara
LUZ de URSINI em SEPULTURA,
No LORETO ſepultada.

Refere-ſe ao grande, e magnifico Mauſoleo, que no dia trigeſſimo fez a Nobre Naçaõ Italiana no Officio de Honras ao Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Nuncio.

SEPULTURA a mais famoſa
Será, e já o diga a FAMA,
Que ſerà a mais ſublime,
Pois já ſe vio ſublimada.

Taõ Mageſtoſa, e Sublime,
Que o ſeu RETRATO baſtava,
Para que toda a grandeza
Se viſſe alli retratada.

Altivo eſtava, e grandioſo,
E o MAUSOLEO tambem eſtava
Retratando muito ao vivo
Quem da Morte ſe retrata.

Em COMMUNIDADE os PADRES
Da meſma IGREJA ITALIANA,
Vêm a receber o CORPO
GRAVE, já cantando a pauſas.

TRES RESPONSOS ſuavemente
(Meſclando nas conſonancias)
Que lhe cantaõ vozes muitas,
Com ſentimento meſcladas.

Suave

Suaves eantaõ, e ſonoros,
E pareee os acompanha,
Ou da MORTE o ſentimento,
Ou da viſta a meſma magoa.

Todo o Templo, que hè famoſo,
Em luzes tanto brilhava,
Que ainda ſendo elle CEO todo,
Ao CEO mais repreſentava.

Luſtroſamente ſentido
(Ainda que lutos trajava)
Eſtava; e era CEO luſtroſo,
Que o CEO lutos tambem traja.

Tudo eraõ lutos, e luzes,
E a viſta ſe equivoçava,
Já ſe as luzes luto tinhaõ,
Ou ſe o luto luzes dava.

Muita FIDALGUIA ILLUSTRE,
No meſmo TEMPLO já eſtava,
E para ſer luſtre todo,
O DUQUE nelle ſe acha.

Do CADAVAL, eſte era,
Que para luſtre elle baſta,
Quanto mais eſtando junta
NOBREZA de Altas PROSAPIAS.

Obſequio mais nobre, e altivo,
Já mais vio a LAURETANA
IGREJA, como eſte excelſo,
Digno ſó de eterna Fama.

Em ſilencio o mais profundo
Fica o Templo, e ſe faz pauſa,
Naõ à pena, que ainda muda
Mais à ſente, quem naõ falla.

Hum coraçaõ mais ſentido,
Quando ſe explica em palavras,
Naõ moſtra muito o que ſente,
Pois o que ſente naõ falla.

Quem calla a pena, mais ſente,
Pois moſtra, entre a pena, e anceia,
Que em o que calla, padece
Sem alivio, ſe a explicàra.

E ſe

E ſe alivio tem nas vozes
A pena, que hè mais amarga,
Mais penoſa hè, naõ admittindo
O alivio, a penna em explicalla.

Acompanhaõ ao CORPO ILLUSTRE
Luzes muitas, e naõ falta,
Quem o acompanhe luzindo,
Mais generoſo o acompanha.

Foy hum PEITO ennobreeido,
Dõ grande ENEAS, que o acclama
Neſta aaçaõ por mais PIEDOSO,
Com os mais Nobres da Italia.

Era Provedor neſte tempo da Igreja Lauretana, o Senhor Eneas Beroardi.

DIA DO MEZ referido
Eraõ TREZE, e ao romper da ALVA,
Já o botaõ as boninas,
Já ao Prado a neve em prata.

Vinha amanheeendo o DIA,
E já na IGREJA SAGRADA,
Se via o NUNCIO veſtido,
Naõ de CAMINHO, de GALA.

GALA,

GALA, e GALA, que hè ſó rica
Pois ao deſcançar na PATRIA
Celeſte, de GRAC,A hè toda,
Que lá ſó ſe dá de GRAC,A.

Deſcançou: Feliz deſcanço!
Do caminho: Sorte rara!
Pois alcance venturoſo,
Dita tanta, GRATIS DATA.

De PONTIFICAL ſe via
CAETANO em LEITO, e là dava
Indicios, de que luz fora,
Ainda quando deſmayada.

Acompanhavaõ ao CORPO
Do ILLUSTRE NUNCIO em ALA
Brandoens, ardendo flammantes
Luzidas Tochas em chammas.

Eraõ as luzes taõ immenſas,
E em copia as luzes tantas,
Que parecia, que ardia
O Templo, e naõ ſe queimava.

Vaõ

Vaõ crescendo os rayos de ouro,
Do Sol, doúrando as montanhas,
E às OITO HORAS DO DIA
Mesmo, ó Officio cantaõ a pausas.

Já as COMMUNIDADES muitas,
Por seus Turnos finaladas,
O cantaõ com suaves vozes,
Sahindo os echos da magoa.

Suavemente o cantaõ todas,
E ainda nas suas mudanças,
Que fazem o Canto sonoro,
Mais nas mudanças encanta.

Ao mesmo tempo do OFFICIO
FUNERAL com pompa, em Ara
Sacrosanta, sacrificios
Fazem a Deos, pela sua ALMA.

TRES DIAS em outros Templos,
Como em este, HEROICO manda,
Que os Suffragios se repitaõ,
Quem JULIO, e CESAR se acclama.

De

Hè o Illustrissimo Senhor Julio Saquete, sobrinho do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Nuncio Apostolico.

De LISBOA o POVO grande,
O mais Nobre, e Illuſtre ſe acha,
Vendo, e admirando na pompa,
A excelſa pompa enlutada.

Mas que muito, que aſſim eſteja
O Templo da Lauretana,
Se vêm por tropheo da Morte
Huma luz excelſa eclypſada?

Tudo ſeja pranto, e luto,
Pois, que o luto, pranto traja,
E mais tendo a Morte à viſta,
Que com pranto o luto arraſtra.

Horroroſa, e triſte viſta,
Ainda que com pompa ornada!
Mas quando a pompa não cede
Já ao horror triſte da Parca?

Sobre o luto, que nas paredes da Igreja ſe viaõ eſtavaõ muitos Retratos da Morte, e entre elles as Armas do Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Nuncio.

Aſſim já pelas PAREDES
Tremolando toda eſtava,
Por troféo do vencimento
De CAETANO as proprias ARMAS.

Armada

Armada eſtà, e bem triſte,
Em as PAREDES armadas,
Vencendo ſem ARMAS tudo,
Contra quem contra elle ſe arma.

Ego hodie, & cras tibi,
Diz ſem voz, e hè voz, que brada,
E atè parece aos ouvidos
Das PAREDES deſengana.

Poêm-ſe (em fim) ao OFFICIO NOBRE
Pauſa, e outra conſonancia
Nas pauſas, que vay fazendo,
Naõ poêm pauſa a ſua magoa.

Juſtamente a ſentem, e cantaõ,
Pois ſaõ da Naçaõ Italiana,
Aonde o ſentimento ajuda,
A dar mais ao Canto alma.

Por Cantores mais inſignes,
Os venera a Luſitania,
E baſta, para que o ſejaõ,
Se o ſaõ da Patriarchal Santa.

E Cantaõ,

Cantaõ, e encantaõ com ſeus echos,
Com tal ar, e com tal graça,
Que ainda quando mais ſentidos,
O ſeu Canto mais encanta.

A MISSA já principiaõ,
Com ſonoras vozes altas,
E ao altivo donde ſobem,
A dor ſobe, que os maltrata.

Celebrou a Miſſa em Pontifical, o Illuſtriſſimo, e Reverendiſſimo Senhor D. Jozè Henrique Correa da Gama, Biſpo de Conſtantina.

Em PONTIFICAL a MISSA
Com grandeza ſe prepara,
E a diz com grandeza ſumma,
Quem à meſma mais exalta.

O ILLUSTRISSIMO SENHOR
DOM JOSEPH CORREA, e baſta
Para ſaberſe, que BISPO
Hè de CONSTANTINA a FAMA.

No grave, e na maravilha
Com que celebrou as SACRAS
CEREMONIAS SABIO, e Illuſtre,
DOUTO, e GRAVE as enſinava.

Das

Das CEREMONIAS os MESTRES
REVERENDOS ſe eſmerava
Nelles tòda a perfeiçaõ,
Com perfeiçaõ ſublimada.

Que diga licito ſeja
(Sem liſonja, e ſem jactancia)
Que atè no Canto da MISSA,
Parecia, que encantava.

Illuſtriſſimo em tudo
ſe moſtrou, e ainda na rara
Veſtimenta, que o eubrio,
Rica de ouro, que a eſmaltava.

Nos mais PARAMENTOS nobres
Toda a viſta ſe elevava,
Pois tudo era nobre, e rico,
Sendo todos de ouro, e prata.

Aſſim quiz moſtrar o affecto
Seu, com que a GAETANO amava,
Que em quilates ſó aſſim nobres,
Fino o amor ſó ſe retrata.

E ſe quem muito ama, ſente
Muito, quando muito ama,
Muito ſente JOZE' ILLUSTRE,
De CAETANO muito a falta.

E ſó na prata, e no ouro,
Amor ſó affectos acha;
E por finos nos quilates,
Nelles ſó amor ſe esmalta.

Aſſiſtiraõ ao SACRIFICIO
Da Miſſa, na LAURETANA
Igreja, muita Nobreza
De alta Eſfera, e Eſtirpe alta.

O Eminentiſſimo Senhor Cardial Patriarcha, e muitos dos Excellentiſſimos Senhores Conegos da Santa Igreja Patriarchal, e muita Nobreza da Corte, e peſſoas de toda a graduaçaõ Eccleſiaſtica, e Secular aſſiſtiraõ à Miſſa Pontifical.

Dignidades ſuperiores,
E os PRELADOS das SAGRADAS
FAMILIAS, em muita copia,
Todas Doctas, todas Santas.

E para mais luſtre excelſo
Deſta aſſiſtencia extremada,
A EMINENCIA mais ſublime
Se vê nella eſtar muy grata.

Acabado

Acabado o SACRIFICIO,
SACRO, e SANTO, ſe prepara
A Encommendaçaõ do CORPO;
RESPONSOS, pela ſua ALMA!

Quatro PRELADOS ILLUSTRES,
Da TRINDADE, CARMO, e GRAC,A,
Conformes cantaõ, e o da NOBRE
FAMILIA DOMINICANA.

Coroa o ACTO FAMOSO
Com voz ſonora, e voz clara;
O ILLUSTRE JOZE', fazendo
A voz ſer echo da magoa.

Tudo em ſilencio já fica,
Aonde o ſilencio já eſtava,
Pois quem ſe lembra do que hè,
Ainda que falle, naõ falla.

Em fim, tudo em *REQUIESCANT*
Finaliza; e quem o eſtranha,
Que tudo aſſim finalize,
Se tudo (em fim) tudo acaba?

De

E diga a voz do lamento,
Pronunciando magoada,
Que ſe acabe o FUNERAL
Com o ſeguinte EPIGRAMMA.

EPITAPHIUM.

Jaz ſepultado junto a huma Capella do grande Bautiſta no Jordaõ.

Hîc, ubi Jordanis Chriſtus puriſſimus undas
Purificat, jaceo jurè ſepultus ego.

Nam faciet purũ me puro ſanguinis amne,
Qui purus cunctos purificare poteſt.

Tu tamen auxiliũ fer, quæſo, pure viator;
Ut mox ad Cœli ſidera purus eam.

LAUS DEO.